

Editorial

A primeira parte desta edição traz um conjunto de textos que compõem uma nova seção: “Mestres do Século”. O principal intuito é servir à reflexão sobre destacados criadores das artes do espetáculo, que efetivamente influenciaram a cena contemporânea. O espaço de tempo a que se refere a denominação diz respeito aos últimos cem anos, considerando criadores que continuam em atividade ou tenham influenciado fortemente na criação cênica dos dias atuais.

Em sua primeira versão, a seção “Mestres do Século” reúne textos e reflexões sobre Peter Brook, encenador inglês radicado em Paris há quarenta anos, onde criou um centro de pesquisa e agrupamento teatral. Para tanto, a seção traz a contribuição de artistas e pesquisadores da França e do Brasil para refletir sobre a obra e repercussão do trabalho e do pensamento de Brook, autor de diversas publicações sobre a composição cênica, o papel do ator e a relação com o público. Georges Banu, da Université Paris 3, reflete sobre o percurso de Brook desde sua chegada a Paris e da criação do teatro Bouffes du Nord.

Diversas encenações e processos de criação com direção de Peter Brook são tratados, sendo *Marat-Sade* o tema de Larissa Elias, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em seguida, a transposição e a intersecção de manifestações artísticas (teatro, literatura e cinema) compõem as reflexões de Gabriela Lirio, também da UFRJ, tratando dos espetáculos *Mahabharata* e *A tragédia de Carmen*, ambos com versão cinematográfica. O francês Alain Maratrat, que foi professor na Columbia University School of the Arts, dispõe sobre sua experiência como ator durante vinte anos sob comando do diretor em questão.

Estética, criação e recepção no entrecruzar de publicações de Mikhail Bakhtin e Peter Brook compõem a reflexão de Jean Carlos Gonçalves, da Universidade Federal do Paraná, enquanto que Lúcia Romano, da Universidade Estadual Paulista, e José Tonezzi, da Universidade Federal da Paraíba, discorrem sobre a repercussão do pensamento e dos preceitos da prática brookiana vivenciados no Brasil na última década do século XX.

Fazendo jus ao nome, a seção intitulada “Diálogos e fronteiras” conta com quatro artigos tratando da intersecção ou entrecruzar de procedimentos, recursos e

linguagens. O primeiro é de autoria de Catarina Firmo, da Faculdade de Letras de Lisboa, tratando de artefatos cênicos e trabalho de ator. Em seguida, Robson Carlos Haderchpek, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, discorre a partir dos preceitos “corpo quântico” e “inconsciente coletivo” na relação com o teatro ritualístico. Elen de Medeiros, da Universidade Federal de Ouro Preto, tem como tema o entrecruzar estético do texto dramático de Nelson Rodrigues e da encenação de Antunes Filho. Finalizando a seção, a transposição para o cinema da peça *Macbeth*, de Shakespeare, feita por Orson Welles, é tema de Rafael de Paula Aguiar Araújo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A seção “Documento” traz uma análise contendo a tradução parcial de uma obra, com capítulos que tratam especialmente de cenografia, ainda inédita em português. Os autores são George Rembrandt Gutlich, da Universidade de Taubaté, Maya Suemi Lemos, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Ligiana Costa. Por fim, numa entrevista a Diego Pizarro, do Instituto Federal de Brasília, estão as colocações da artista brasileira Isabel Tica Lemos, referência no trabalho corporal.

A Editoria